

uma extensa reflexão sobre os problemas da escultura ou, mais genericamente, sobre as transformações da estatuária em escultura e desta em tridimensionalidade ou ainda desta última em ambiente que marcaram o último século e meio.

Com a sua formação realizada entre o final da década de 1970 e o início do decénio seguinte, Rui Sanches desenvolveu um corpo de trabalho que espelha uma dualidade: por um lado, as suas influências situam-se na arte do seu tempo, nomeadamente nas vanguardas, mas por outro, a descontinuidade em relação à história da arte confronta-se com a continuidade de temáticas e problemas de representação. A questão mais relevante para uma abordagem atual da obra de Sanches, é que o reencontro com a história é estruturante, sobretudo porque essa história da arte é sobretudo uma história das imagens artísticas, ancorada, pelo menos no seu início, na história da pintura.

A exposição encontra-se estruturada da seguinte forma: iniciando-se com três obras recentes (e uma das quais especificamente concebida para esta ocasião) é proposto um mergulho no seu trabalho da década de 1980, nomeadamente através das esculturas que parafraseiam, a três dimensões, pinturas de Poussin e David, desconstruindo-as. São aqui também apresentadas obras do início do percurso de Sanches, inéditas até agora em Portugal. Essa lógica é continuada na primeira sala do piso superior. Na sala seguinte é colocado um foco sobre o recurso a uma categoria específica da história da estatuária, o busto – e a sua relação com o retrato. Por fim, na última sala, o corpo, o toque e o carácter háptico da escultura conduzem a deambulação do espectador.

Entre o carácter orgânico e a desconstrução, o uso de materiais “pobres” e industriais e a manufactura, entre a referência a modelos da história da arte e a pesquisa abstracta, a exposição pretende, assim, dar conta da complexidade – e também da grande coerência – do percurso de Rui Sanches.

A sua obra é, portanto, um espelho da escultura e da relação desta com a imagem e nesta reflexão é investido um processo de resignificação que nos convoca como o seu *outro* através de uma consciência sempre presente dos mecanismos da exposição e os dispositivos perceptivos, fenomenológicos e estéticos das linhagens artísticas. Por isso é um espelho.

BIOGRAFIA

Rui Sanches nasceu em Lisboa em 1954.

Com formação artística realizada no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual e posteriormente no Goldsmiths’ College de Londres (1977-1980) e Universidade de Yale (1980-1982), começou a expor individualmente em 1984. A sua obra tem vindo a ser exposta em inúmeras instituições e encontra-se representado em várias coleções públicas e privadas, nomeadamente: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Fundação de Serralves, Porto; Museum Van Hedendaagse Kunst, Antuérpia; Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, Badajoz; Museu de Arte Contemporânea do Funchal – Forte de São Tiago; Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas; Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa; Centro Cultural de Belém, Lisboa; Coleção Berardo, Lisboa; Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; Fundação EDP, Lisboa; Fundação Carmona e Costa, Lisboa; Fundação Leal Rios, Lisboa, entre outras.

PROGRAMAS PÚBLICOS

Sábado, 19 outubro – 17h

Visita Guiada com Manuel Aires Mateus

Sábado, 16 novembro – 17h

Visita Guiada com Maria Filomena Molder

Sábado, 14 dezembro – 17h

Visita Guiada com Bruno Marchand

GALERIA DO TORREÃO NASCENTE DA CORDOARIA

Av. da Índia

Terça a Sexta 14h30-19h

Sábado e Domingo 10h-13h / 14h-18h

www.galeriasmunicipais.pt

RUI SANCHES

ESPELHO

Curadoria DELFIM SARDO

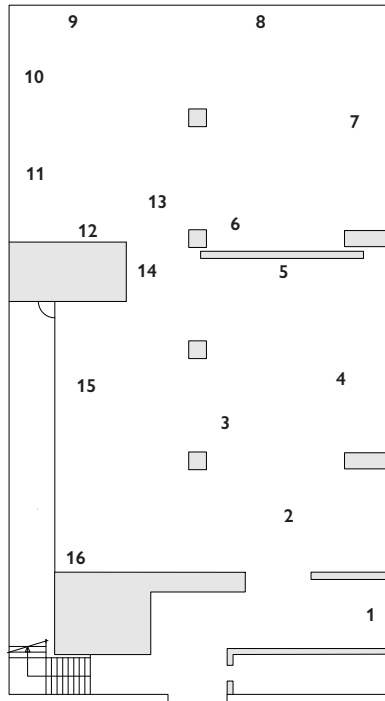
29/09/19 — 12/01/20

A obra de Rui Sanches (Lisboa, 1954) tem vindo a desenvolver-se, ao longo dos últimos 35 anos (a sua primeira exposição individual em Portugal teve lugar em 1984) como uma extensa reflexão em torno de três questões fundamentais: a relação da criação moderna e contemporânea com a história e as diferentes linhagens que se foram definindo, a possibilidade de pensar a questão do ponto de vista do espectador e o recorrente problema da relação da arte com o mundo, seja por processos de re-significação, de relação com o contexto, de citação ou paráfrase de obras referenciais da história da pintura, ou pelo léxico de materiais utilizado.

Rui Sanches, que começou o seu percurso pela pintura, no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa, veio a centrar-se na escultura a partir da sua formação no Goldsmiths’ College de Londres (onde estudou entre 1977 e 1980), interesse reafirmado nos dois anos seguintes em que estudou na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, para além de uma prática sistemática e reiterada de desenho. A exposição *Espelho* está, assim, dividida em dois volantes: aqui, no Torreão Nascente da Cordoaria, é apresentada a sua obra em escultura, enquanto que no Museu Berardo, com curadoria de Sara Antónia Matos, o foco é colocado na sua produção em desenho.

A escultura, para Rui Sanches, reflete as grandes transformações que a arte sofreu no longo e sinuoso caminho da modernidade. Nesse sentido, o seu trabalho escultórico merece ser compreendido como

Piso 0



1
Triângulo, 1978
Corda e pregos
Coleção do Artista

2
Sem título (Espelho), 2019
Ferro, madeira, espelho, bronze e tinta
Coleção do artista

3
Sem título, 2010
Madeira, ferro e tinta
Col. Particular

4
Rei e Rainha, 1988
Madeira, contraplacado e ferro galvanizado
Fundação Leal Rios

5
Mme Récamier, segundo David, 1989
Madeira, contraplacado, pano e bronze
Coleção Caixa Geral de Depósitos

6
Rômulo e Remo, 1991
Contraplacado, ferro galvanizado e bronze pintado
Museu de Arte Contemporânea de Elvas – Coleção António Cachola

7
A morte de Sócrates, segundo David, 1987
Madeira, contraplacado, ferro galvanizado, luzes elétricas
Coleção Banco Privado em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2000

8
Fonte do Nilo, 1987
Madeira, contraplacado e candeeiro de latão
Coleção Caixa Geral de Depósitos

9
Bara, segundo David, 1991
Contraplacado e ferro galvanizado
Coleção do artista

10
Natal, 1986
Madeira, contraplacado, vidro, água, pano e luz elétrica
Fundação Calouste Gulbenkian

11
Cubo, 1978
Corda e pregos
Coleção do Artista

12
A(B)/C, 1991
Madeira e latão
Col. Alberto Caetano

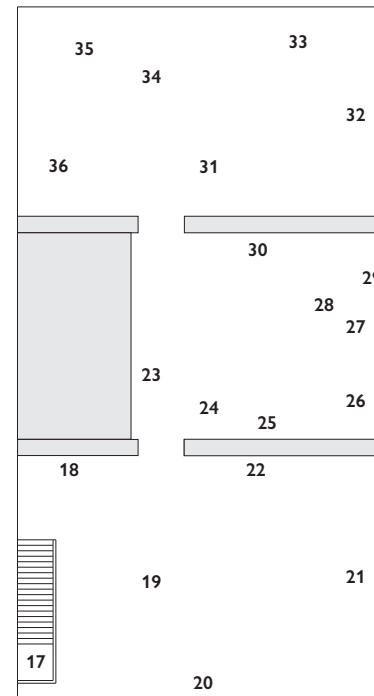
13
Tiroliro, 1988
Madeira e ferro galvanizado
Fundação Calouste Gulbenkian

14
Círculo, 1978
Corda e pregos
Coleção do Artista

15
Os espaços em volta, 2019
Madeira, ferro, tinta e gesso
Coleção do artista

16
Sem título, 1979
Espelhos e lápis de cor
Coleção do artista

Piso 1



17
S. Sebastião I, 1990
Contraplacado, bronze e tinta
Col. Paulo Caetano

18
Narciso I, 1984
Madeira, contraplacado, luz elétrica e tinta
Coleção do artista

19
Alpheus, 1985
Madeira, contraplacado e PVC
Col. Privada, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1992

20
Natureza Morta II, 1984
Madeira, contraplacado e tinta de esmalte
Fundação Calouste Gulbenkian

21
Sagrada família nos degraus, segundo Poussin, 1982
Madeira, contraplacado e elástico
Museu de Arte Contemporânea de Elvas – Coleção António Cachola

22
6 desenhos da série Corpos (e) móveis, 1993
Carvão, grafite e guache sobre papel
Coleção Caixa Geral de Depósitos

23
Figura II, 1990
Aglomerado de madeira, bronze e tinta
Col. Peter Meeker em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2001

24
Fragmento I, 1990
Contraplacado, bronze e tinta
Col. POP

25
São João Baptista, 1990
Madeira, contraplacado, bronze e tinta
Coleção Caixa Geral de Depósitos

26
Retrato do pintor, 1985
Madeira, contraplacado, ferragens, gesso e grafite
Coleção Caixa Geral de Depósitos

27
Reflexão III, 1999
Contraplacado, espelho e ferro
Museu de Arte Contemporânea de Elvas – Coleção António Cachola

28
Sem título (B.B. 7), 1991
Aglomerado de madeira e ferro galvanizado
Coleção do artista

29
Janus II, 2002
Contraplacado de tola, espelho e ferro
Fundação Leal Rios

30
Sem título (B.B.4), 1991
Contraplacado e aglomerado de madeira
Fundação Calouste Gulbenkian

31
Sem título, 1999
Contraplacado de tola e vidro
Col. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2000

32
Sem título, 2002
Contraplacado
Col. António Albertino

33
Sem título (Bola), 2000
Contraplacado de tola
Fundação Calouste Gulbenkian

34
Orfeu, 1990
Aglomerado de madeira, bronze e tinta
Col. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

35
Sem título, 2002
Contraplacado de mogno
Fundação Leal Rios

36
Sem título (L2), 1999
Contraplacado de mogno
Fundação Leal Rios